

**QUEM DEVE OBEDECER A  
GRANDE COMISSÃO? UM OLHAR  
SOBRE OS DESTINATÁRIOS DE  
MATEUS 28.18-20**

Yago Martins<sup>1</sup>

*Não, não tem como fugir, não.  
Põe na história seu dom.  
Vai, é a hora de ir.  
[...] Partiu. Foi embora  
sem mais desculpas.  
Se libertou e partiu.  
Foi pra rua sem mais desculpas.  
Um mundo inteiro ouviu você.  
- Palavrantiga<sup>2</sup>*

**RESUMO**

A quem a mensagem da Grande Comissão foi destinada? O debate é longo, mas não pouco instrutivo. Neste artigo, pretendemos lidar com seis possíveis desti-

---

<sup>1</sup> Membro da Igreja Batista Manancial, em Fortaleza/CE, Segundo Vice-Diretor e Líder da Divisão de Formação e Desenvolvimento na Missão GAP, Bacharelado em Missiologia pelo Seminário e Instituto Bíblico Maranata, Diretor e Professor da Academia de Formação em Missões Urbanas e Diretor-Fundador do Movimento Cante as Escrituras.

<sup>2</sup> Da canção “Partiu” do álbum *Sobre o mesmo chão*, de 2013.

natários da ordem registrada em Mateus 28.18-20, dialogando com a história eclesiástica e com a academia cristã. Encerramos, como é preferível em todo estudo teológico, com uma aplicação pastoral.

**Palavras chave:** grande comissão; missões; evangelismo; missiologia; igreja cristã.

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história da igreja, muitos bons mestres caíram na falha de achar que o Ide não foi uma ordem dirigida à Igreja, mas somente aos apóstolos. Martinho Lutero, por exemplo, talvez motivado por tentar corrigir o exagero anabatista com relação às aplicações do sacerdócio universal dos crentes, defendia que nenhum ofício poderia existir sem a presença geográfica de paróquias, o que o levou a rechaçar do uso da Grande Comissão como uma ordem para todo crente.<sup>3</sup> Além disto, segundo Tucker, ele estava tão certo da volta iminente de Cristo que negligenciou a necessidade de missões estrangeiras.<sup>4</sup> Interpretações parecidas foram seguidas por outros reformadores, sendo esta a visão luterana e reformada predominante pelos 150 anos seguintes.<sup>5</sup> Infelizmente, o impulso missionário romanista ocorrido durante a Contra-Reforma do século XVI não teve paralelo entre os protestantes.<sup>6</sup> As grandes Confissões Reformadas, como a Confissão Belga, o Catecismo de

---

<sup>3</sup> BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002. p. 296.

<sup>4</sup> J. Montgomery, por outro lado, mostrou que os comentários, os sermões e até mesmo os hinos de Lutero continham algumas referências ao valor de levar o Evangelho às nações, ainda que este não aparentasse ser um ponto recorrente em sua teologia (ver MONTGOMERY, 1967, p. 193-202).

<sup>5</sup> MULHOLLAND, Kenneth B. *from Luther to carey: pietism and the modern missionary movement*. Disponível em: <[http://www.ciu.edu/sites/default/files/Article/2010/11/From%20Luther%20To%20Carey%3A%20Pietism%20and%20the%20Modern%20Missionary%20Movement/article327\\_1997\\_11\\_kennethmulholland\\_pdf\\_13626.pdf](http://www.ciu.edu/sites/default/files/Article/2010/11/From%20Luther%20To%20Carey%3A%20Pietism%20and%20the%20Modern%20Missionary%20Movement/article327_1997_11_kennethmulholland_pdf_13626.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>6</sup> TUCKER, 2010, p. 112.

Heidelberg, a Confissão de Westminster e os Trinta e Nove Artigos de Religião, não possuem uma única palavra sobre missões mundiais.<sup>7</sup> Um apologista católico, Robert Bellarmine, chegou a usar como argumento de que a Igreja Católica Romana era a igreja verdadeira o fato de que eles enviavam missionários; os protestantes, não.<sup>8</sup>

A posição de que a Grande Comissão era entregue a todos os crentes era minoritária, mas existente.<sup>9</sup> Por exemplo, Adrianus Sarávia, um teólogo protestante do século XVI, escreveu uma defesa aberta e decisiva do esforço missionário em um famoso tratado.<sup>10</sup> Calvino, podemos dizer, foi o Reformado mais inclinado ao trabalho missionário, mesmo que discordasse de Sarávia em sua leitura de Mateus 28. Ele próprio enviou um

---

<sup>7</sup> Com a exceção de um acréscimo americano posterior à Confissão de Westminster, que não consta na versão original. É preciso entender, de fato, o contexto em que nasceram tais Confissões. Nessa época, a preocupação primordial era a defesa da fé protestante em contraste com a doutrina Romana. Missões mundiais só se tornaram motivo de polêmica, logo, de formação teológica mais vigorosa, com a expansão do Império Britânico, em sua maioria com movimentos pietistas (morávios) e evangelicais (Wesley, Whitefield e o II e III Grande Despertar).

<sup>8</sup> MULHOLLAND, acesso em 18 jan. 2014.

<sup>9</sup> Talvez uma pequena palavra de defesa aos Reformadores seja necessária. É fato que as missões mundiais não eram um objetivo prioritário para a maioria dos reformadores. Este foi uma falha terrível, repetida por muitos cristãos de linha reformada, diga-se de passagem. Porém, o contexto daqueles homens os inclinou a isto de forma mais contundente do que as pressões modernas. Em um contexto novo, de luta contra as heresias romanistas, conseguirem manter-se em face da oposição católica e a abertura de novos campos de pregação em terras europeias já eram empreendimentos grandiosos em si mesmos. Por isso, tais homens eram limitados em recursos, tempo e pessoal para aventuras em terras mais longínquas. Tucker complementa: “Além disto, faltavam aos protestantes as oportunidades para missões além mar, que eram exclusividade dos romanistas, que dominavam a espiritualidade na maior parte dos países de costa marítima, e que, em consequência, tinham facilidade para viajar e viver sob a proteção de exploradores e companhias comerciais. Os estados alemães e suíços que ficavam longe do mar, embora representassem fortalezas do protestantismo, não ofereciam aos protestantes tal acesso às terras estrangeiras. Além disso, os protestantes não tinham uma força missionária pre parada como as ordens monásticas católico-romanas” (TUCKER, 2010, p. 112).

<sup>10</sup> Seu livro tinha como título *De Diversis ministrorum Evangelii gradibus sicut a Domino fuerunt instituti et traditi ab Apostolis ac perpetuo omnium ecclesiarum usu confirmati* e foi publicado em 1690.

grande número de evangelistas à França, além de quatro missionários encarregados de, junto com vários hugenotes franceses, estabelecer uma colônia e evangelizar os índios no Brasil.<sup>11</sup>

Foi o movimento pietista e seus predecessores que venceram a visão majoritária da igreja protestante. Justinian von Welz, em três panfletos de 1664, corajosamente estabeleceu o dever missionário da igreja, além de criar uma escola de treinamento missionário.<sup>12</sup> Teólogos repreenderam von Welz, chamando-o de sonhador, fanático, hipócrita e herege. Seria um absurdo, segundo eles, lançar pérolas aos porcos através de entregar o evangelho sagrado de Deus aos pagãos. Graças a Deus, von Welz não foi dissuadido. A igreja alemã não quis ordená-lo, mas a igreja holandesa o fez. Após dois anos como missionário no Suriname, ele morreu de uma doença tropical.<sup>13</sup>

Anos mais tarde, em 1792, na Inglaterra, um jovem chamado William Carey publicou um livreto intitulado *Uma investigação sobre o*

---

<sup>11</sup> Para conhecer a missiologia e a prática missionária de Calvino, veja “Calvino e a Evangelização”, em BEEKE, Joel. *Vivendo para a Glória de Deus*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2010. p. 293-306. Franklin Ferreira nos mostra dados interessantes sobre o zelo missionário de Calvino: “Genebra se tornou um grande centro missionário porque os foragidos que lá se instalaram puderam, posteriormente, levar para os seus países a fé ali aprendida. Para aqueles que não se convencem do caráter missionário na obra de Calvino em Genebra, basta consultar o Registro da Companhia dos Pastores, principalmente no período 1555 a 1562. Os nomes mencionados chegam a 88, enviados para quase todos os campos da Europa. No entanto, muitos nomes, por medidas de segurança, não são mencionados. Em outras fontes, nota-se que, no ano de maior envio, 1561, o número de missionário chegou a 142, superior ao de muitas forças missionárias atuais” FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2013. p. 165-166).

<sup>12</sup> Apud GLOVER, Robert H. *The progress of world wide missions*. New York: Harper & Row, 1960. p. 46.

<sup>13</sup> GLOVER, 1960, p. 46. Veja também KANE, J. Herbert. *A global view of christian missions*. New York: Harper & Brothers. p. 76.

<sup>14</sup> O título completo era *An Enquiry into the Obligation of Christians to Use Means for the Conversion of the Heathens in Which the Religious State of the Different Nations of the World, the Success of Former Undertakings, and the Practicability of Future Undertakings Are Considered*. Uma edição em português pode ser encontrada em: WINTER, R.; HOWTHORNE, S.C. (Ed.). *Missões transculturais: uma perspectiva histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987. p. 286ss.

*dever dos cristãos de empregarem meios para a conversão dos pagãos.*<sup>14</sup> Nele, Carey argumentou contra a visão predominante da época de que a Grande Comissão de Mateus 28 tinham sido cumprida pelos primeiros apóstolos, não sendo aplicável à igreja em suas sucessivas gerações. Para Carey, esta visão é uma abdicação da nossa responsabilidade. Ele viu a Grande Comissão como um dever e um privilégio para todas as gerações, e assim começou o movimento missionário moderno. As 86 páginas do livro de Carey são as 95 teses da missiologia protestante, se tornando a Magna Carta do movimento missionário cristão.

Nesse debate, quem estava certo a respeito dos destinatários da Grande Comissão? Várias são as posições, e nossa intenção não é, de modo algum, fazer um apanhado histórico extenso. Cabe-nos, então, que podemos traçar pelo menos quatro posições a respeito da aplicabilidade desta ordem.

1. A Grande Comissão foi uma ordem aos Onze como Onze.
2. A Grande Comissão foi uma ordem aos Onze como ministros ordenados.
3. A Grande Comissão foi uma ordem aos Onze como discípulos individuais ou aos discípulos individuais.
4. A Grande Comissão foi uma ordem aos Onze como povo de Deus ou ao povo de Deus simplesmente.

## **1 AOS ONZE COMO ONZE**

Muitos bons homens na história do Cristianismo acreditaram que apenas os Onze apóstolos receberam a ordem da Grande Comissão. Melancton, por exemplo, seguiu essa linha de raciocínio, não apenas concordando com os pontos estabelecidos por Lutero, mas cren-

---

<sup>14</sup> GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do movimento missionário*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 204-208.

do que os apóstolos já haviam cumprindo essa comissão e que, por isso, a igreja não deveria se ocupar com o trabalho missionário.<sup>15</sup> Na visão da Igreja Primitiva, a Grande Comissão foi dada aos apóstolos, como missão deles, a ser completada por eles. A igreja primitiva não via a Grande Comissão como uma ordem a ser cumprida pela Igreja como um todo ou pelas futuras gerações, mas como uma ordem pessoal aos Onze, os apóstolos. A Grande Comissão não deveria ser apenas iniciada pelos apóstolos, mas completada por eles. Isso significa que a igreja primitiva estava convencida de que os apóstolos já haviam levado o evangelho até os confins da terra.<sup>16</sup>

Acreditar nisso, no entanto, seria acreditar que Jesus lhes entregou uma ordem absurda. A ordem da Grande Comissão não é apenas para que o evangelho seja pregado entre os gentios, mas entre todos os grupos étnicos. Desta forma, os Apóstolos não conseguiram, de modo alguma, cumprir a ordem da grande comissão. É incoerente pensar que a grandiosa obra de evangelizar todas as etnias pudesse ser realizada pelo pequeníssimo número de apóstolos durante os poucos anos que viveram. No segundo e no terceiro século, Orígenes parece ter sido o único a contradizer a visão majoritária, baseado na percepção factual de que existiam tribos e povos não evangelizados em seus dias.<sup>17</sup>

Além disso, a ordem possui dentro dela uma promessa que nos dá uma clara indicação que a Grande Comissão continuaria sendo obedecida até o fim dos tempos. Jesus diz aos que O ouvem que estaria com eles até a “consumação dos séculos” (Mt 28.20). Se aquela ordem estava sendo dada apenas aos apóstolos, Jesus poderia ter dito: “até o fim de vossas vidas” ou “até o fim da vossa missão”. Porém, Cristo faz uma relação

---

<sup>16</sup> Para citações primitivas que provam este ponto, ver ADNA, Jostein; KVALBEIN, Hans. *The Mission of the Early Church to Jews and Gentiles*. Tübingen: Mohr Sieback, 2000. p. 72-77.

<sup>17</sup> Cf. ADNA; KVALBEIN, 2000, p. 265-288.

entre a pregação aos povos e Sua presença até o último dia. Isso indica que aquele trabalho que estava sendo ordenado, primeiro, estava sendo dado a pessoas quem estariam presentes em um momento histórico muito posterior aos Apóstolos. Em segundo lugar, isso significa que a Grande Comissão só será completa no último dia. Quando, nos votos matrimoniais, o noivo diz que vai amar a esposa até que a morte os separe, ele está dizendo que permanecerá casado até morrer, e que só deixará o casamento em seu último suspiro. Quando Jesus diz que estará com seus discípulos até a consumação dos séculos, após ordená-los às nações, Cristo está dizendo que vai continuar ajudando seus discípulos com a pregação, e que só terminaria de ajudá-los em Seu retorno escatológico – o que claramente pressupõe que a pregação duraria até este último momento. Mateus mesmo registrou as palavras de Cristo: “*E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim*” (Mt 24.14). Calvino comentou: “Deve também ser observado que isto não foi falado apenas aos apóstolos, uma vez que o Senhor prometeu sua ajuda não para aquela época apenas, mas até o fim do mundo”. É impossível que esta ordem tenha sido entregue simplesmente aos Onze.

## 2 AOS ONZE COMO MINISTROS ORDENADOS

Esta foi a posição de João Calvino, quando comentando tal passagem, disse que, neste texto, “o Senhor ordena aos ministros do evangelho [...]”, de forma que “essa cobrança é expressamente dada aos apóstolos”. Com base nisto, ele conclui, deixando clara a sua posição: “segue-se que ninguém pode legalmente administrar o batismo, mas somente aqueles

---

<sup>18</sup> CALVIN, John. *Commentary on Matthew, Mark, Luke* - Volume 3. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom33.ii.li.html>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

que são também os ministros da doutrina”.<sup>18</sup> Infelizmente, o reformador foi impreciso. Tal posição não pode, em nenhuma instância, ser retirado do próprio texto, e o bom reformador apenas declara dogmaticamente qual sua opinião, sem esclarecer um único motivo para ver as coisas assim. Não há qualquer elemento na narrativa que nos leve para este caminho interpretativo.

Além disso, alguns problemas surgiriam da interpretação do reformador. Por exemplo, se um cristão normal naufraga em um cruzeiro e acorda na paia de um país estranho. Lá, ele se estabelece como cristãos e decide pregar para os nativos, que são de um grupo étnico não-alcançado e eles se convertem. Isso seria um ato de cumprimento da Grande Comissão ou aquele grupo étnico continuaria não alcançado com o evangelho, pois não foi um ministro ordenado que os fez discípulos? Alguma igreja poderia ser plantada, crentes poderiam estar adorando o Cordeiro no último dia, mas a Grande Comissão não teria sido cumprida pela falta de um ministro ordenado. Quando Bruce Olson foi para a Colômbia, com 19 anos, sem ajuda de nenhuma missão ou igreja e acabou indo pregar aos motilones, uma tribo que tinha matado todos os brancos que encontrara até então, ele não estava cumprindo a Grande Comissão?<sup>19</sup> Por mais que possamos considerar a questão de ir a outros países como missionário sem o apoio formal da própria comunidade, podemos dizer que os motilones continuam um povo sem Cristo, por não ter sido evangelizada por um ministro ordenado, ou que a Grande Comissão não foi cumprida ali? Caso uma Bíblia chegue a um povo que nunca possuiu presença missionária, e este povo leia aquele texto e venha a crer e se estabelecer como seguidores de Cristo, eles continuariam considerados perdidos, pela falta de um ministro, ainda que um ministro venha a surgir de dentro da própria comunidade alcançada pelo Livro? Obviamente que não.

---

<sup>19</sup> Sua história é retratada em OLSON, Bruce. *Por esta cruz te matarei*. São Paulo: Vida, 2007.

### 3 AOS ONZE COMO DISCÍPULOS INDIVIDUAIS OU AOS DISCÍPULOS INDIVIDUAIS

D. A. Carson, talvez o maior erudito em Novo Testamento de nossos dias, acredita que “a ordem é dada, pelo menos, para os Onze, mas aos onze em seu próprio papel como discípulos (v. 16). Portanto, eles são paradigmas para todos os discípulos”.<sup>20</sup> Por mais ariscado que seja discordar de D. A. Carson, a posição dele não parece viável por alguns motivos óbvios. Se cada indivíduo cristão é inteiramente responsável por cumprir a completude da Grande Comissão, segue-se que todos nós estamos diante de um mandamento impossível de ser cumprido. O argumento<sup>21</sup> é que, se o cristão individual, pessoalmente, deve fazer discípulos de todas as nações, então ele estaria falhando em engajar-se na Grande Comissão ainda que dedicasse toda a vida a levar o Evangelho aos povos não alcançados que estão em sua própria nação, como tribos distantes. Mesmo que o crente se dispusesse a ir a um país distante anunciar o evangelho e morresse por causa de sua fé, ele haveria falhado grandemente ao deixar de ir também a tantas outras nações com o objetivo de fazer discípulos do Senhor Jesus. Seguindo *ad absurdum*, ainda que alguém fosse, individualmente, capaz de evangelizar todas as nações existentes, este já haveria fracassado em levar o evangelho aos povos que já deixaram de existir ou àqueles que ainda existirão. Além disto, a ordem para que se ensine tudo o que Cristo ordenou, também parte da Grande Comissão, é impraticável para a grande maioria dos salvos. Nem mesmo os melhores pastores conseguem, ao longo de toda a vida, ensi-

---

<sup>20</sup> GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The expositor's bible commentary*, vol. 8, Zondervan, Grand Rapids, 1984. p. 596.

<sup>21</sup> Devo este argumento e minha posição sobre o assunto a PIMENTEL, Vinicius Silva. *A Grande Comissão e o batismo por leigos*. Artigo não publicado. Fica aqui meu agradecimento e o devido crédito.

nar capa a capa da Escritura – e se esta é uma ordem para todo crente, todo crente que não ensinasse aos outros cada verso da Palavra estaria em pecado. Chegaríamos, pois, à conclusão de que apenas um ser sem limitações espaciais ou temporais poderia atender ao chamado de Cristo na Grande Comissão – ou seja, só o próprio Deus. Como alguém escreve: “É impraticável a ida de todos os membros da igreja local”.<sup>22</sup>

#### 4 AOS ONZE COMO POVO DE DEUS *OU* AO POVO DE DEUS SIMPLEMENTE

Assim sendo, o único modo de esta ordem ser cumprida é se cada discípulo individual, de modos diferentes e em lugares diferentes, cumprirem partes diferentes da Comissão, o que é representado pelas duas últimas possibilidades de destinatários da ordem de Cristo: *Aos Onze como povo de Deus* ou *ao povo de Deus simplesmente*. Das possibilidades de Jesus estar falando exclusivamente com os Onze, por mera exclusão, esta seria a visão mais viável e a única que não nos enche de conflitos lógicos. Os Onze serem representantes, no texto, da igreja cristã nos leva indubitavelmente que a Grande Comissão é uma ordem para toda a igreja cristã. É por isso que podemos argumentar que a igreja local cumpre a Grande Comissão dando meios para aquele que vai. Se a Grande Comissão fosse uma ordem a todo crente individual, o crente que não fosse a todas as etnias existentes estaria em pecado. Nisto, não há como concordar com Carson quando diz que os Onze ali são paradigma para todos os discípulos individualmente. Se a ordem é para os Onze, o que é uma possibilidade, eles seria paradigma para a Igreja como um todo, e não para cada membro do corpo de Cristo.

---

<sup>22</sup> MEDEIROS, Humberto D. (org.). *Mosaico teológico: ensaios em homenagem ao prof. Thomas Willson*. Fortaleza, CE: Syllabus Editora, 2013. p. 217.

Porém, outra interpretação, que, no fim das contas, leva à mesma aplicação prática, é possível: a de que Jesus não estivesse falando apenas com os Onze, mas com vários discípulos reunidos no Monte da Galileia. D. A. Carson nos dá uma argumentação exegética para a presença de muitos outros cristãos naquele momento.<sup>23</sup> A ordem de Cristo no verso 10 de Mateus 28 é interessante para este debate: “*Então Jesus disse-lhes: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão à Galileia, e lá me verão*”. Alguns acham que “meus irmãos” nada mais é que um modo elevado de se referir aos Onze, mas isso ignora o uso do termo em Mateus, em que, além de menções ao próprio parentesco sanguíneo, é usado como referência à irmandade dos que reconhecem Jesus como Messias (18.15; 23.8; cf. 5.22-24; 7.3-5; 18.21,35). Nas duas outras passagens em que Jesus usou a expressão plena “meus irmãos” (12.49,50; 25.40), ela refere-se a todos os discípulos de Jesus e não pode ser limitada aos apóstolos somente. Desse modo, Jesus estava conclamando todos os que estavam ligados à Sua causa a comparecerem no monte da Galileia, e não apenas os Onze. Como John MacArthur coloca:

Não existe razão para Jesus enviar os Onze para a Galileia, apenas para que eles retornassem poucos dias depois ao Monte das Oliveiras para Sua ascensão. Parece mais racional que o Senhor tenha agregado um amplo grupo de discípulos e que ele tenha escolhido a Galiléia como local de encontro por a maioria dos Seus seguidores serem desta região.<sup>24</sup>

Diante disso, podemos entender o verso 17 deste mesmo capítulo de um modo mais claro. Os “alguns” que não creram seriam outros, não os próprios apóstolos, o que faz mais sentido, uma vez que o texto diz

---

<sup>23</sup> Para uma análise mais detalhada deste argumento, ver CARSON, D. A. *A Manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12-14*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2013. p. 680-81; 685-87.

<sup>24</sup> MACARTHUR, John. *The MacArthur New Testament commentary, Matthew 24-28*. Chicago, IL: Moody Publishers, 1989. p. 336.

que os Onze “o adoraram”. Oras, se os Onze adoraram a Cristo, mais alguém deveria estar lá, a fim de haver quem duvidasse. É bem provável que esta seja a aparição para mais de 500 testemunhas descrita por Paulo (1Co 15.6), o que tem sido defendido pela maioria dos acadêmicos através da história eclesiástica.<sup>25</sup> Logo, se a Grande Comissão foi proferida para um número tão grande de discípulos, ela não foi uma ordem apenas para os apóstolos, mas para todo crente. Por isso, Jesus decidiu reunir o máximo número dos seus seguidores a fim de proclamar tais palavras.

O leitor menos acostumado com a literatura dos evangelhos pode estranhar este argumento e evocar o fato de que Mateus registra que apenas os Onze estavam lá. Porém, de modo algum Mateus diz que *apenas* os Onze estavam presentes. Ele diz que os Onze estavam, mas não usa nenhum *apenas*. É preciso lembrar que quando um escrito narra a presença de personagens em um texto, ele não está sendo, de modo algum, limitante. Por exemplo, o caso de Mateus ter dito que um anjo estava no sepulcro de Jesus (Mt 28.2) quando outros escritores dizem que eram dois (Jo 20.11-12; Lc 24.3-4). Mateus não disse que era apenas um anjo, do mesmo modo como disse que não eram apenas os Onze que estava no monte da Galileia. Insinuar que o autor está sendo limitante ao dizer que um anjo estava no sepulcro ou que os Onze estavam no monte é solapar a inerrância dos evangelhos. Além disto, o próprio Mateus nos diz que outros irmãos foram convidados por Jesus a estarem presentes no monte, como registrado no verso 10 do capítulo em questão. Não estamos lidando com algo oculto ao texto, mas com algo que o autor declarou explicitamente aos seus leitores originais. O ponto mais básico da questão é: se os Onze adoraram a Jesus, como diz o texto, quem são os que duvidaram? “*E os onze discípulos partiram para a Galiléia, [...]*”

---

<sup>25</sup> MACARTHUR, 1989, p. 336.

*e, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram*”. O pronome oculto de “quando [eles] o viram” é uma referencia inequívoca aos Onze. Não há outro modo de interpretar. Os que duvidaram precisam ser outros, inegavelmente.<sup>26</sup>

Outros cometem o mesmo erro, mas de um modo levemente diferente. Eles concordam que os apóstolos não estavam sozinhos no monte da Galileia, mas questionam a quem está sendo dirigida a ordem. Uma vez que o verso 26 fala “os onze” e o verso 27 diz “[eles] o viram”, quando o verso 28 registra que Jesus “falou-*lhes*”, o pronome só poderia estar ligado ao sujeito, no caso, aos Onze. Os que argumentam deste modo dizem que precisaremos assumir que o “lhes”, do texto, está se referindo aos outros irmãos também, e não só aos Onze, para que nosso argumento seja estabelecido. Esta argumentação cai no mesmo erro passado, em acreditar que existe limitação nas palavras de Mateus. Concordo que o texto diz que Jesus falou com os Onze – e posso concordar que os Onze são o foco de Mateus neste momento, uma vez que eles eram os principais interessados, por assim dizer, na ressurreição de Jesus –, mas não há porque acreditar que foi *só aos Onze*. Em uma reunião com vários irmãos, provavelmente mais de 500, onde Jesus aparece ressurreto pela primeira vez, é improvável que Jesus não estivesse falando com todos os que o adoraram e creram. John Stott pontua:

---

<sup>26</sup> Alguns podem argumentar que foram os Onze mesmo que descreram, uma vez que Marcos dá esta indicativa. No entanto, por mais parecidos que sejam os casos de Mateus e Marcos, cada um precisa ser analisado não harmonicamente, mas em seu contexto próprio, antes de ser sistematizado. “Se a crítica da redação nos ensinou alguma coisa, é que devemos deixar cada autor falar em seus próprios termos, sem uma busca prematura por harmonização ou sistematização” (CARSON, 2013, p. 153). Em Marcos, parece que todos os discípulos estavam incrédulos, e Jesus tratou com todos eles, não existindo sequer referência a eles terem adorado – o que parece diferente do caso de Mateus. Uma possibilidade natural de harmonia entre os dois casos seria a seguinte cronologia: 1º. Ninguém creu; 2º. Jesus tratou de seus apóstolos (e de quem mais estava próximo); 3º. Os apóstolos adoraram; 4º. Alguns outros duvidaram.

Mesmo durante seu ministério público, [Jesus] enviou primeiro os apóstolos, e então os setenta como um tipo de extensão de sua própria pregação, ensino e ministério de cura. Em seguida, após sua morte e ressurreição, ele expandiu o alcance da missão ao incluir todos que o chamam de Senhor e chamam a si mesmos de seus discípulos. Outros estavam presentes com os doze quando a grande comissão foi dada (Lc 24.33). Por isso, não podemos restringir sua aplicação aos apóstolos.<sup>27</sup>

De toda forma, parece-me evidente que os destinatários e a abrangência da Grande Comissão devem ser entendidos em um sentido *corporativo e escatológico*.<sup>28</sup> O mandamento da Grande Comissão é dado “à Igreja Universal, ao corpo místico de Cristo, ao povo de Deus considerado em sua união radical com o Senhor e uns com os outros”.<sup>29</sup> Então, uma vez que a ordem é dada à Igreja como corpo, cada membro dela é responsável por engajar-se em seu cumprimento, “com *diversidade e especialização*”.<sup>30</sup> Deste modo, “todo crente está obrigado a envolver-se na tarefa una de fazer discípulos de todas as nações, [...] mas a participação de cada cristão nesse mandado não é uma e a mesma para todos”.<sup>31</sup> Creio que estas são considerações suficientes para encerrar esta questão e aceitarmos que não existem motivos bíblicos para acharmos que a Grande Comissão não deva ser aplicada a todos os crentes.

Se a Grande Comissão é uma ordem para toda a Igreja, isso significa que toda a Igreja precisa estar comprometida no alcance de todos os povos, incluindo o seu povo, usando todos os meios possíveis para isto. Não sei como algum membro estaria isento de ser um evangelista para sua cultura após entender corretamente a ordem que recai sobre toda a noiva de Cristo. O cristão obediente ao Senhor, que é impactado pelo conheci-

---

<sup>27</sup> STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p. 25-26.

<sup>28</sup> Termos usados por PIMENTEL, artigo não publicado.

<sup>29</sup> PIMENTEL, artigo não publicado.

<sup>30</sup> PIMENTEL, artigo não publicado.

<sup>31</sup> PIMENTEL, artigo não publicado.

mento da glória do Senhor, usará todos os meios com os quais puder se envolver para levar o conhecimento de Cristo aos perdidos, o que inclui estar pessoalmente envolvido com a pregação da Palavra, dentro de suas possibilidades como ser humano limitado.

A reconstrução dos muros promovida por Neemias é um ótimo exemplo de *diversidade* e *especialização* no cumprimento da obra do Senhor. Alguns eram inexperientes, outros eram profissionais. Eram jovens e velhos, homens e mulheres, lado a lado. Alguns trabalharam em frente à sua casa, outros vieram de bem longe. Houve quem trabalhasse no que era de seu interesse e quem só atuou no que não lhe era próprio. Certos trabalhadores puderam reconstruir pequenos trechos do muro, enquanto outros trabalharam em centenas de metros. É assim que funciona no Reino de Deus. Cada um contribui e trabalha nas áreas e do modo que estão segundo a capacidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois deste debate interpretativo, creio que observar as advertências pastorais de Spurgeon seria uma benéfica mudança de tom:

Então, quem deve pregar? Qualquer um que possa pregar, deve fazê-lo. O dom da pregação não é nada mais que a responsabilidade de pregar. Constantemente me assombro diante de alguns cristãos que podem falar sem cessar desde a tribuna pública, mas não falam nunca em nome de Cristo; terão que render contas por estas línguas prostituídas.

Se um homem pode falar do tema da sobriedade, poderia falar sobre o tema da salvação; deveria fazê-lo. Não pretendo que guarde silêncio sobre um, mas de todo coração lhes suplico que não fique calado com respeito ao outro. Há muitas pessoas que deveriam pregar o Evangelho, mas que não o fazem. Todo homem que conheça o Evangelho deve torná-lo conhecido. “E o que ouve diga: Vem”.

Quando ouçam o Evangelho, contem para mais alguém; vocês, cristãos, estão todos obrigados a tornar o Evangelho conhecido, proporcionalmente a seus dons e sua oportunidade. “Como!”, – dirá alguém – “eu pensava que isso era responsabilidade dos sacerdotes”. Precisamente é assim, é unicamente para os sacerdotes; mas todos os crentes são sacerdotes. Por Sua graça poderosa, nosso Senhor Jesus Cristo nos fez reis e sacerdotes para Deus; é nosso dever, como também nosso privilégio, exercer esta bendita função sacerdotal de dizer aos filhos dos homens, a via pelo meio da qual podem ser salvos. Então, cada homem desta igreja que conheça a Cristo, e cada mulher e cada jovem também, estão obrigados a falar de Cristo, a todos os que o rodeiam, de alguma maneira ou outra. Para esta obra, não se requer um alto grau de dons. A Palavra não diz: “E como ouvirão sem haver um doutor em teologia que lhes pregue?” Não diz: “E como ouvirão sem um pregador popular que lhes pregue?” Oh, amados, alguns de nós estaríamos perdidos se não pudéssemos ser salvos sem ouvir um homem de grandes habilidades. Eu dou graças a Deus porque devo minha conversão a Cristo a uma pessoa desconhecida, que nem sequer era um ministro na aceitação ordinária do termo; mas ao menos podia dizer isto: “Olhem para Cristo, e sejam salvos, todos os termos da terra”. Eu aprendi minha teologia, da qual não me desviei, de uma anciã que era cozinheira na casa onde eu trabalhava como ajudante de professor. Ela podia falar sobre as coisas profundas de Deus; e quando eu tinha a oportunidade de escutar o que ela tinha a dizer-me, como uma cristã madura, sobre o que o Senhor tinha feito por ela, aprendi mais de sua instrução do que de qualquer outra pessoa que conheci desde então. Não é necessária a preparação de uma universidade para que se possa falar de Cristo; alguns dos melhores obreiros desta igreja contam com mui pouca educação, mas levam muitas pessoas a Cristo. Prossigam, meus queridos irmãos e irmãs, falando do amor de Cristo a vocês, ainda que tenham poucos dons. Recordem que, quando tenham contado a história da cruz aos homens, são livres de uma responsabilidade. De qualquer maneira, se perecem, não será devido a que não sabiam; e se perecem por ignorância, essa ignorância não será atribuída à negligência de vocês em ensiná-los. Agora, hoje, desejaria poder motivar a todos os presentes para que se convertam em pregadores, incluindo as mulheres e a todos; não se trata que deseje que as mulheres preguem, mas sim que quero

que preguem no sentido de minha exposição do assunto; ou seja, que façam conhecer para alguém a história maravilhosa da cruz. Falem com algum indivíduo se puderem. Se não puderem fazê-lo, escrevam-lhe. Se não puderem escrever-lhe, enviem-lhe um sermão, ou lhe entregue um folheto. Devem somente continuar mostrando a Cristo.<sup>32</sup>

Que verdades maravilhosas! Lê-las sempre me motiva a pregar o evangelho, apesar de minhas incapacidades pessoais. Com elas, também aprendo que parte de nosso fracasso em evangelizar é por acreditarmos que não devemos fazer missões por não possuímos um chamado para nos dedicarmos em tempo integral ou por não termos o dom de evangelista. Ora, não possuímos um dom especial para o evangelismo não nos exime da responsabilidade de cumprir o Ide. Não ter o dom bíblico de misericórdia, por exemplo, não nos isenta da responsabilidade de sermos todos misericordiosos. “Nessa época, todo cristão era um missionário”, escreveu John Foxe em seu *Livro dos Mártires*. Ele continua:

O soldado tentava ganhar recrutas para o exército celestial; o prisioneiro procurava levar o carcereiro a Cristo; a menina escrava sussurrava o evangelho ao ouvido de sua senhora; a jovem esposa pedia ao marido para ser batizado a fim de que suas almas não se separassem após a morte; todos os que haviam experimentado a alegria de crer tentavam atrair outros para a fé.<sup>33</sup>

Infelizmente, é muito comum nós compartimentalizarmos aquilo que deveria ser de todo crente. Acaba que cada departamento da igreja perde sua função meramente estrutural, mas se torna um meio de deixar os outros crentes livres de alguns compromissos. *Se um mendigo aparece na igreja, manda logo pro pessoal da ação social*. As obrigações cristãs

---

<sup>32</sup> SPURGEON, Charles. *As engrenagens da salvação*. Disponível em: <[http://www.projetospurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/06/ebook\\_engrenagens\\_salvacao\\_spurgeon.pdf](http://www.projetospurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/06/ebook_engrenagens_salvacao_spurgeon.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2012.

<sup>33</sup> FOXE, John. *Foxe's christian martyrs of the world*. Chicago: Moody Press, n.d. p. 41.

que nos incomodam logo se tornam a atividade de algum departamento. Na questão do evangelismo, nós rapidamente jogamos tudo nos couros de algum líder de departamento e achamos que está tudo bem. Pelo que parece, muitos acham que missões devem ser praticadas apenas pelos “profissionais autorizados”. Alguns pensam que, assim como não queremos qualquer um realizando uma cirurgia, não desejamos que crentes quaisquer se metam a pregar o evangelho. “Não sou tão eloquente, inteligente, estudioso, sábio ou desenvolto como o pastor, não posso fazer o que ele faz”. É por causa de pensamentos como estes que a oração de Pedro é tão necessária hoje em dia: “*Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra*” (At 4.29). No caso, “teus servos”, é uma referência a todos os cristãos, e não apenas aos “profissionais”.

Não só a Grande Comissão, mas o resto do Novo Testamento confirma a ordem para que todos nós levemos o evangelho aos perdidos. Filipenses 1.12-18 sugere que Paulo antecipou que a igreja de Filipos anunciaria Cristo de toda a maneira. As sandálias da Armadura de Deus em Efésios 6.15 deveriam fazer os discípulos preparados para proclamar o evangelho da paz. 1 Coríntios 4.16 exorta a igreja primitiva a imitar a abertura de Paulo para o sofrimento que resulta na proclamação da loucura da Cruz. Paulo deu graças pela atividade missionária das igrejas (Fp 1.3-5; 1 Ts 12-8) e orou sobre o relacionamento das congregações com os de fora (1 Ts 3.12). Atos 11.19-21 nos conta que todos os discípulos evangelizavam à medida que se espalhavam para além de Jerusalém.<sup>34</sup> Segundo John Stott, às vezes, a pregação de um cristão leigo para algum amigo tem muito

---

<sup>34</sup> A melhor defesa de que todo crente deve pregar o evangelho, em minha opinião, consta em PLUMMER, Robert L. *Paul's understanding of the church's mission*. Milton Keynes: Paternoster Biblical Monographs, 2006. Ver também RAINER, Thom S.; LAWLESS, Chuck. *The challenge of the great commission: essays on God's mandate for the local church*. Crestwood, KY: Pinnacle, 2005. p. 33-48.

mais efeito do que o sermão de um pastor no púlpito, uma vez que aquele pode contextualizar cada ponto da pregação para o ouvinte em particular, lidando com cada problema e questão específica que surgir ao longo da conversa.<sup>35</sup>

As ordens do Rei devem ser consideradas como supremas, irreduzíveis e inegavelmente aceitáveis. Se Jesus nos ordenou segui-IO em proclamar o arrependimento às nações, como podemos ignorá-IO? Não é sem motivos que muitos pregadores põem o envolvimento missionário como uma das possíveis evidências de que somos realmente novas criaturas. Charles Spurgeon, pastor batista do século XIX, conhecido como “o príncipe dos pregadores”, disse: “Todo cristão ou é um missionário ou é um impostor”<sup>36</sup>, e eu creio nessa verdade. Como também declarou Hudson Taylor, “a Grande Comissão não é uma opção a ser considerada, é um mandamento a ser obedecido”, ou seja, atender às ordens de Jesus é *cláusula pétrea* da vida cristã. Não atender a esse mandamento é pecado, e quem é nascido de Deus não deve mais viver escravo do pecar (1 Jo 5.18).

Ora, Cristo é sempre nosso perfeito padrão. Precisamos ter em nós o mesmo sentimento que Ele teve (Fp 2.5), a ponto de se esvaziar até a morte para a salvação de muitos. Ninguém é exemplo mais real e vivo de deixar o próprio conforto para ir em resgate de outros do que o próprio Senhor Jesus Cristo. Ele tinha uma “vida espiritual” perfeita, mas veio ser tentado nesta Terra. Ele tinha um “sucesso ministerial” único e inalcançável, sendo o próprio Deus, mas foi reputado como nada pelos religiosos de sua época. Ele era dono de todo ouro e prata, mas nasceu como um filho de carpinteiro em Nazaré. Ele tinha todo o conhecimento, mas teve que aprender como todo homem. Tudo isso e muito mais apenas para cumprir o Ide. Paulo, um bom imitador de Cristo (1 Co 11:1), é bem dramático em uma

---

<sup>35</sup> STOTT, John. *Personal evangelism*. Downers Grove, IL.: InterVarsity, 1949. p. 3,4.

<sup>36</sup> SPURGEON, acesso em: 17 jun. 2013.

de suas declarações: “*Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; por que ai de mim se não pregar o evangelho*” (1 Co 9.16). Ai de nós se não a cumprimos!

Jesus não nos pediu para irmos pregar o evangelho. Ele não deu uma indicação, não implorou por um favor nem deu um conselho sábio. Ele nos deu uma ordem, clara e inequívoca, baseada em Sua autoridade sobre Céus e Terra, que deve ser obedecida como qualquer outro de Seus mandamentos. Assim como desobedecer a ordem de guardar-se da imoralidade ou infligir os mandamentos quanto ao amor ao próximo, ignorar nossa responsabilidade missional é pecar contra Deus, desobedecer as Suas Leis e vilipendiar contra o evangelho – e se você vive impenitentemente na prática do pecado, você não é filho de Deus (1 Jo 5.18) e deveria ser expulso da comunhão dos santos, como em todo caso de pecaminosidade não-arrependida (Mt 18.15-20). Quem não evangeliza precisa ser evangelizado.

**REFERÊNCIAS**

- ADNA, Jostein; KVALBEIN, Hans. *The Mission of the Early Church to Jews and Gentiles*. Tübingen: Mohr Sieback, 2000.
- BEEKE, Joel. *Vivendo para a Glória de Deus*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2010.
- BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.
- CALVIN, John. *Commentary on Matthew, Mark, Luke - Volume 3*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom33.ii.li.html>>. Acesso em: 11 nov. 2013.
- CARSON, D. A. *A Manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12-14*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2013.
- CARSON, D. A. *O Comentário de Mateus*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2011.
- FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2013.
- FOX, John. *Foxe's christian martyrs of the world*. Chicago: Moody Press, n.d.
- GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The expositor's bible commentary*, vol. 8, Zondervan, Grand Rapids, 1984.
- GLOVER, Robert H. *The progress of world wide missions*. New York: Harper & Row, 1960.
- GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do Movimento Missionário*. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.
- KANE, J. Herbert. *A global view of christian missions*. New York: Harper & Brothers.
- MACARTHUR, John. *The MacArthur New Testament commentary, Matthew 24-28*. Chicago, IL: Moody Publishers, 1989.
- MEDEIROS, Humberto D. (org.). *Mosaico teológico: ensaios em homenagem ao prof. Thomas Willson*. Fortaleza, CE: Syllabus Editora, 2013.
- MONTGOMERY, John W. "Luther and Missions", In: *Evangelical Missions Quarterly* 3, no. 4, 1967.
- MULHOLLAND, Kenneth B. *from Luther to carey: pietism and the modern missionary movement*. Disponível em: <[http://www.ciu.edu/sites/default/files/Article/2010/11/From%20Luther%20To%20Carey%3A%20Pietism%20and%20the%20Modern%20Missionary%20Movement/article327\\_1997\\_11\\_kenneth\\_mulholland\\_pdf\\_13626.pdf](http://www.ciu.edu/sites/default/files/Article/2010/11/From%20Luther%20To%20Carey%3A%20Pietism%20and%20the%20Modern%20Missionary%20Movement/article327_1997_11_kenneth_mulholland_pdf_13626.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2014.
- OLSON, Bruce. *Por esta cruz te matarei*. São Paulo: Vida, 2007.

PIMENTEL, Vinicius Silva. *A Grande Comissão e o batismo por leigos*. Artigo não publicado.

PLUMMER, Robert L. *Paul's understanding of the church's mission*. Milton Keynes: Paternoster Biblical Monographs, 2006.

RAINER, Thom S.; LAWLESS, Chuck. *The challenge of the great commission: essays on God's mandate for the local church*. Crestwood, KY: Pinnacle, 2005.

SPURGEON, Charles. *A sermon and a reminiscence*. Disponível em: <[http://www.spurgeon.org/s\\_and\\_t/srmn1873.htm](http://www.spurgeon.org/s_and_t/srmn1873.htm)>. Acesso em: 17 jun. 2013.

SPURGEON, Charles. *As engrenagens da salvação*. Disponível em: <[http://www.projetospurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/06/ebook\\_engrenagens\\_salvacao\\_spurgeon.pdf/](http://www.projetospurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/06/ebook_engrenagens_salvacao_spurgeon.pdf/)>. Acesso em: 18 out. 2012.

STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

STOTT, John. *Personal evangelism*. Downers Grove, IL.: InterVarsity, 1949.

TUCKER, Ruth A. *Missões até os confins da terra: uma história biográfica*. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2010.

WINTER, R.; HOWTHORNE, S.C. (Ed.). *Missões transculturais: uma perspectiva histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.